Cadernos

MUrb

Morfologia Urbana

estudos da cidade portuguesa

O Tempo e a Forma

2

2

Sérgio Barreiros Proença
Arquitecto; doutorado em Urbanismo pela Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa; docente da Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa; membro do grupo de investigação FORMA URBIS Lab.

A resistência da Forma Urbana

A persistência dos traços na forma da cidade

"O tempo presente e o tempo passado
Estão ambos talvez presentes no tempo futuro,
E o tempo futuro contido no tempo passado.
Se todo o tempo está eternamente presente
Todo o tempo é irredimível."[1]

T. S. Eliot

1. A intemporalidade da forma urbana

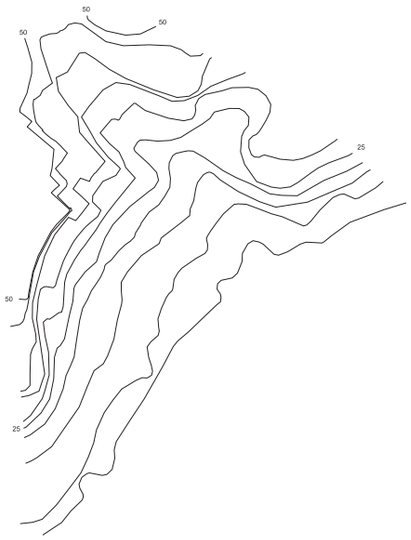
Uma questão que pode ser colocada quando se aborda a relação entre o tempo e a forma da cidade é a da resistência da forma urbana, portanto a resistência dos seus elementos urbanos ou dos seus traços à acção transformadora e, porque não, criadora do tempo.

Neste sentido, a observação de um mesmo espaço da cidade em diferentes momentos no tempo permite uma leitura cronológica em que podem ser identificadas tanto a impressão de novos traços, com origem em processos de formação e transformação da cidade em cada momento ou intervalo temporal, como a permanência de traços antecedentes, que correspondem a uma herança morfológica que atesta a resistência do objecto urbano à transformação. Estes últimos são mais frequentes na cidade que continuamente se refaz, na cidade *à continuité de vie*[2], aquela em que a utilização continuada ao longo do tempo pelos seus habitantes conduziu à persistência no tempo das estruturas morfológicas, como os limites do parcelário ou os traçados dos arruamentos.[3]

[1] *Time present and time past / Are both perhaps present in time future, / And time future contained in time past. / If all time is eternally present / All time is unredeemable.* T. S. Eliot, "Burnt Norton" *in Four Quartets*, 1935.

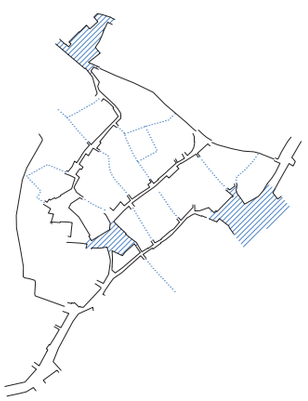
[2] LAVEDAN (1926) denomina as cidades em que existe um uso e ocupação contínuos no tempo como as cidades *à continuité de vie*.

[3] PINON (2008).



a.

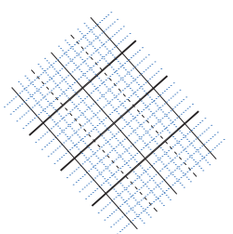
b.



c.

d.

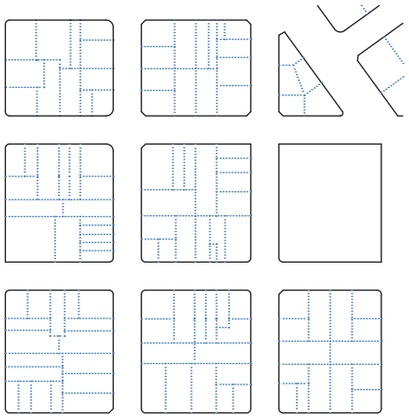
e.



f.

|fig 2.1| Decomposição elementar e dedução de uma matriz de composição do tecido urbano de Alfama. Escala 1:6.000.
a. Topografia.
b. Traçado urbano.
c. Hierarquia do traçado urbano.
d. Estrutura do parcelário.
e. Estrutura do parcelário entre São Miguel e a Regueira.
f. Matriz de composição inferida.

a. b.



c.

|fig. 2.3|A persistência do traçado urbano nas Avenidas Novas.
a. Traçado urbano. Escala 1:40.000.
b. Persistência de traços (azul) no traçado urbano. Escala 1:40.000.
c. Amostra do traçado e parcelário do Bairro das Picoas. Escala 1:5.000.

Para além do tratamento de excepção que sempre teve a Rua Nova dos Mercadores, depois dos Ferros, a legislação produzida no reinado de D. Manuel I com o objectivo de regrar larguras de ruas e alinhamentos, assim como os casos documentados das regularizações da largura da parte meridional da Rua dos Ourives do Ouro e da Rua dos Ourives da Prata nos reinados que se seguiram à Restauração da Independência, comprovam a resistência da forma ao tempo através da geometrização da configuração antecedente. Em ambos os casos a comparação e sobreposição da cartografia de meados do século XVII|17|, com a cartografia desenhada em 1761|18| que reconstitui a cidade nas vésperas do terramoto de 1755, permite reconhecer a persistência da direcção genérica dos arruamentos apesar da geometrização do alinhamento e da regularização da sua largura|19|.

Um outro tipo de persistência através da regularização de traços pode ser encontrada na observação e comparação do tecido urbano da Baixa antes e depois do terramoto de 1755. Apesar da aparente abstracção geométrica do traçado urbano e do reparcelamento efectuado, quando comparamos as plantas da Baixa de Lisboa anterior e posterior ao terramoto encontramos continuidade na sobrevivência de alguma toponímia adaptada e nas sobreposições morfológicas de elementos urbanos regularizados. |**fig. 2.4a**|

São desta situação caso evidente os espaços excepcionais do Terreiro do Paço/Praça do Comércio, do Rossio/Praça D. Pedro IV e da Praça da Patriarcal, hoje Praça do Município, mas encontramos também a sobrevivência de alguns importantes arruamentos através da sua regularização. São exemplo dessas persistências a Rua do Comércio, então designada Rua Nova d'El Rei, cujo traçado é delineado para substituir as antecedentes Rua Nova dos Ferros e Rua da Confeitaria, mas também o traçado quase inalterado da Rua Nova do Almada ou o traçado da Rua Áurea e da Rua Augusta que geometrizam em duplicado a ancestral ligação entre o Rossio e o Terreiro do Paço feita pela Rua dos Ourives do Ouro, por sua vez edificada e regularizada em sucessivas operações sobre o primitivo Cano d'El Rei que escoava as águas provenientes dos dois grandes vales que convergem na Baixa. |**fig. 2.4b**| Existem então casos de heranças hierárquicas morfológicas e funcionais|20|, de persistências de direcções, de memórias de traços, também nesta cidade refeita de novo.

|17| *Planta da Cidade de Lisboa...* elaborada por João Nunes Tinoco, *circa* 1650.

|18| *Configuração de partes das fortificaçoens antiguas da Cidade de Lisboa, que ...* elaborada por Guilherme Paes de Menezes e Eliaz Sebastião Poppe e datada de 22 de Outubro de 1761.

|19| Através de um auto de vistoria às casas do Conde de Óbidos na Rua dos Ourives da Prata realizado em 12 de Agosto de 1733, transcrito parcialmente por Cláudio Monteiro, consegue-se recuperar de modo relativamente fidedigno a largura aproximada de 47 palmos, ou seja 10,34 metros, pela qual se pretendia acertar a regularização do arruamento, *...medindo-se da dita comna é humbreira da porta das casas fronteiras, neste ponto tem a dita rua dos Ourives de largo 47 palmos e um quarto, e medindo em baixo, do pilar que faz cunhal, à humbreira e parede das casas fronteiras, neste ponto tem a dita rua dos Ourives de largo 46 palmos e meio...* MONTEIRO (2010), pp. 52-53.

|20| ROSSA (2008), p. 59.